

3.2.2 Categoria 2: A utilização das TDIC como parte integrante no Projeto Político Pedagógico da escola.

Nesta categoria analisamos como a tecnologia é contemplada no projeto político pedagógico das escolas.

Consideramos inicialmente o projeto da escola municipal X.

PPP da escola X: A tecnologia vem para provocar mudanças pedagógicas, onde professores e estudantes têm a oportunidade de interação imediata [...]. Para tanto as tecnologias devem ser encaradas como um projeto que seja feito coletivamente e compartilhado entre os diversos profissionais da unidade escolar. O poder e a influência só poderão ser revertidos em conhecimento escolar na medida em que forem aplicadas em conjunto e com reflexões compartilhadas.

E posteriormente da escola Y.

PPP da escola Y: A escola possui uma sala onde funciona o laboratório de informática. [...] contamos também com recursos tecnológicos, sendo 11 computadores, 3 impressoras, 1 rádio Microsystems, 1 caixa de som amplificada, 1 aparelho de DVD, 1 câmera digital, 1 televisão 29”, uma televisão 21” e uma antena parabólica.

No PPP da escola X, a tecnologia é vista com o potencial de oportunizar mudanças na prática pedagógica, oportunizando interação entre os alunos e professores. Já na escola Y, podemos observar que a tecnologia é tratada como “materiais e equipamentos para auxiliar professores e estudantes no desenvolvimento de atividades pedagógicas dentro e fora da sala de aula”.

Segundo Almeida e Prado (2005), durante muito tempo a inserção de tecnologias na escola direcionou-se à disponibilidade de equipamentos e softwares. Porém, evidenciou-se que isso não era suficiente para uma concreta inclusão de tecnologias à prática pedagógica dos professores, e que seria necessário envolver a escola como um todo, incluindo nesse processo a gestão da escola.

Muitas vezes a gestão da escola não reconhece a importância do uso de tecnologias, pois não participa das formações continuadas e das discussões pedagógicas, cuidando preferencialmente da parte administrativa da escola.

3.2.3 Categoria 3: A inserção das tecnologias nos projetos dos professores .

Nesta categoria, analisamos se os professores da educação básica estão utilizando as TDIC na construção de projetos.

Percebemos, pelas respostas ao questionário, que alguns professores realizam projetos com seus alunos em parceria com outros professores e/ou o professor do laboratório de informática.

P2. Sim, inclusive no encerramento do projeto água foi feito um cultural game com vídeos, jogos e fotos.

P18. Tínhamos um projeto com parceria do governo federal chamado UCA- Um Computador por Aluno onde, os alunos utilizavam 3 vezes por semana.

O papel do professor é fundamental tanto no sentido de criar e propor projetos, assim orientando no sentido de que os alunos trabalhem em cooperação com os colegas na construção de uma rede de aprendizagem. Vale ressaltar que, dentre os entrevistados em nossa pesquisa, alguns professores relatam que não trabalham com projetos.

A este respeito, Gadotti (2007, p. 35) relembra que:

[...] vivemos hoje numa sociedade de redes e de movimentos, [...]. Torna-se fundamental aprender a pensar autonomamente, saber comunicar-se, saber pesquisar, saber fazer, ter raciocínio lógico, aprender a trabalhar colaborativamente, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar o próprio trabalho, ter disciplina, ser sujeito da construção do conhecimento, estar aberto a novas aprendizagens, conhecer as fontes de informação, saber articular o conhecimento com a prática e com outros saberes.

Segundo Ziede (2012), se houvesse um maior número de professores que trabalhassem com os alunos nos laboratórios com ambientes digitais de aprendizagem (blogs, wikis e outros), com simulações e com projetos de aprendizagem, nos quais os alunos desenvolvem inúmeras competências, certamente teríamos melhores resultados na educação básica. O papel do professor é fundamental para a inovação, pois não adianta usar a tecnologia sem uma mudança na metodologia.

3.2.4 Categoria 4: A contribuição das tecnologias para os processos de ensino e aprendizagem.

Nesta categoria a maioria dos participantes confirmou que as tecnologias podem auxiliar. Porém, em alguns enunciados de respostas percebemos o uso da tecnologia como mais um recurso apenas.

Analisando as respostas do questionário, 100% dos participantes disseram que sim, que as tecnologias podem auxiliar. Porém alguns ressaltaram que auxilia se for trabalhada de forma dinâmica e organizada

P2. Ela, hoje em dia, é fundamental na construção da aprendizagem, principalmente se a criança possuir alguma dificuldade cognitiva ou motora.

P23. Sim, de várias formas; pesquisas, leituras, jogos, atividades em geral que vem ao encontro ao que é trabalhado em sala de aula.

P24. Por que ao utilizar os tais programas e sites eles estarão aprendendo, desenvolvendo a criatividade e o processo de leitura e escrita.

Kenski (2014) assevera que o meio digital viabiliza múltiplas formas de acesso ao conhecimento. Quando o professor se apropria pedagogicamente destas formas, ele pode criar disciplinas e cursos que venham ao encontro das necessidades sociais e culturais atuais. “As especificidades dessa nova cultura digital colocam-se como desafios para a formação de professores e para a sua atuação profissional” (KENSKY 2014, p.13). As TDIC provocaram uma mudança na forma de compreensão tradicional do conhecimento, pois passaram de sequências lineares e previsíveis para hipertextos sem hierarquias, onde o aluno pode ir clicando e aprendendo de acordo com o seu ritmo e interesse.

3.2.5 Categoria 5: Os desafios de utilização das TDIC pelos professores nas escolas.

Nesta categoria, analisamos os desafios de utilização das TDIC pelos professores nas escolas de educação básica.

Pelas falas dos professores e pelos estudos dos pesquisadores sobre o tema, percebemos que os desafios dos professores no uso da TDIC são os mesmos na maioria das escolas.

P6. O primeiro problema é que a escola não tem o número suficiente de computadores
P13. Outro ponto é que a internet muitas vezes é lenta e falta de assistência.

P20. A principal dificuldade está no fato de que alguns professores de sala de aula ainda não têm capacitação necessária para preparar uma aula destinada a este fim, ou seja, não frequentam ou não tiveram interesse em participar de cursos voltados para este recurso, mesmo estes cursos sendo ofertados gratuitamente pelo órgão responsável pela educação digital, o NTE.

P22. Falta de conhecimento de alguns professores, medo do novo. Falta de equipamentos ou equipamentos desatualizados.

Há anos estamos ouvindo o mesmo discurso, enquanto os alunos participam de redes sociais, têm celulares com os quais produzem vídeos e fotos, escrevem mensagens, jogam e se comunicam com seus pares, porém, todo esse potencial é pouco utilizado nas escolas.

Reforçando essa necessidade ratificamos o posicionamento de Fagundes (1999.s/p).

Conseguir alguns computadores é só o começo. Depois é preciso conectá-los à internet e desencadear um movimento interno de buscas e outro, externo, de trocas. Cabe ao professor, no entanto, acreditar que se aprende fazendo e sair da passividade da espera por cursos e por iniciativas da hierarquia administrativa.

Os desafios precisam ser vencidos e para que isto aconteça, os professores precisam refletir, agir, criar, inovar e principalmente perder o medo das TDIC.

4. Discussão dos resultados

As análises evidenciam, inicialmente, uma intenção dos professores em conhecer e se apropriar da tecnologia, entendendo seus limites e possibilidades. Nem tudo que eles planejam pode ser feito devido às condições dos equipamentos, do conhecimento técnico, ou mesmo pelo acesso aos laboratórios por parte dos alunos. Percebemos também que, mesmo a utilização das tecnologias digitais estando contemplada no projeto político pedagógico da escola, muitos professores não as utilizam. Alguns apontam que existem dificuldades de acesso à internet e algumas vezes os próprios professores pagam para os alunos poderem utilizar. Os computadores, muitas vezes antigos, não suportam os programas e travam, dificultando o desenvolvimento das atividades. Outra questão que dificulta a utilização das TDIC é a formação dos professores, que relatam ser o resultado de uma prática pedagógica na qual não existiam muitas tecnologias e, quando utilizadas em sala de aula, era com o objetivo de recreação e não necessariamente como instrumento de ensino e de aprendizagem. Alguns dos professores acreditam que as tecnologias auxiliam na avaliação, pois os alunos podem ser avaliados não apenas de forma tradicional, como geralmente é feito, mas de variadas formas, levando em consideração que cada aluno tem uma maneira particular de aprender e conseqüentemente de expor o



que aprendeu. Muitos dos professores entrevistados não se sentem seguros para utilizar a tecnologia com seus alunos, alegando que eles são nativos digitais e apresentam maior fluência tecnológica. Concluímos que os professores vivenciam desafios constantes para integrar a tecnologia no currículo com propostas que privilegiem a autoria, a cooperação e o trabalho em rede.

5. Considerações

Esta pesquisa objetivou descrever se e como ocorre o uso de tecnologias por professores de escolas de educação básica de Caçador, SC, ficando patente que as tecnologias são consideradas importantes para as práticas de ensino e de aprendizagem. Ao grau de importância das TDIC, entretanto, não correspondem condições objetivas para a sua adoção e utilização concretas pelos professores – isto porque existem deficiências na esfera da formação dos professores e carências na infraestrutura das escolas. Esse binômio (deficiência/carência) ergue barreiras para uma utilização mais sistemática da TDIC nas salas de aula. Com isto, constata-se uma esquivia – ou mesmo fuga – dos professores no que se refere ao uso planejado das tecnologias, tendo como explicação a falta de formação anterior e preparo ou então a desculpa de que a natureza das mesmas era o mero passatempo, não se colocando como instrumentos para a construção de conhecimentos.

Cabe destacar que esta pesquisa apresenta um modesto poder de generalização em decorrência da quantidade de sujeitos envolvidos. No entanto, ele revela um pouco da complexidade, das perplexidades e das contradições que resultam das tentativas de aproximação entre as escolas – através dos professores – e as tecnologias. Revela também que temos um longo percurso a caminhar, caso queiramos construir uma escola do nosso tempo, uma escola em que os hábitos e costumes midiáticos dos estudantes sejam concretamente contemplados nos projetos políticos pedagógicos e assentados dinamicamente nos currículos e planos de ensino.

Notas do texto

A pesquisa do presente estudo foi apresentada no Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação UNESCO - Universidade do Extremo Sul Catarinense – Criciúma 2016.

O estudo contou com a participação das graduandas Andreza de Oliveira Meireles da Silva (Bolsista FAP) e Aline Fernanda Wodonos de Carvalho (Bolsista Art. 170).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Apresentação da série integração de tecnologias com as mídias digitais. In: Boletim do Salto para o Futuro. Brasília: MEC, SEED, 2005.

ALMEIDA, Maria Elizabeth B.; VALENTE, José A. Tecnologias e Currículo: trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011.

ASSMANN, Hugo. Redes digitais e metamorfose do aprender. Petrópolis: Vozes, 2005.

BELLONI, Maria L. Educação a Distância. Campinas: Autores Associados, 2008.



_____. O que é Mídia-Educação. Campinas: Autores Associados, 1995

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – DICEI. Coordenação Geral do Ensino Fundamental – COEF. Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo básico de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental. Brasília, DF: MEC, 2012. CETIC.br. TIC Educação 2014. Disponível em: <<http://cetic.br/noticia/formacaoeinfraestrutura-ainda-sao-barreiras-para-professores-conectados-indica-ticeducacao2014/>>. Acesso em: 25. Out. 2016.

FAGUNDES, Léa. Revista Nova Escola, 1999.

GADOTTI, Moacir. A Escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. Tecnologias e tempo docente. Campinas, SP: Papirus, 2014.

LEMANN, Fundação. Conselho de Classe 2015. Disponível em: <<http://www.fundacaolemann.org.br/conselho-de-classe/>>. Acesso em: 25 out. 2016

LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MAÇADA, Débora Laurino; SATO, Luciane Sayuri; MARASCHIN, Cleci. Educação sem Distâncias: uma experiência de convivência em ambiente digital de aprendizagem. Revista Informática na Educação, Florianópolis, 2001. Disponível em: http://www.nied.unicamp.br/oep/pub/art_ead_sem_dist_cleci_lec.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2011.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Editora Papirus Editora. Campinas 2007.

_____. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas - Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens (Volume II). SOUZA, Carlos Alberto de; e MORALES, Ofelia Elisa Torres (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015

_____. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Editora Papirus Editora. Campinas 2007.

MORIN, Edgar. Educação com Consciência: edição revista e modificada. 8. ed. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://ruipaz.pro.br/textos/cienciacomconciencia.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

ZIEDE, Mariangela Kraemer Lenz; ARAGÓN, Rosane. Docência no Ensino Superior: inovando e reconstruindo práticas pedagógicas na educação a distância. Currículo sem Fronteiras, v. 14, nº 3, p. 254-279, 2014.

ZIEDE, Mariangela Kraemer Lenz. Alunos do Século 21. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, p. 12 - 12, 03 set. 2012.